

## ΜΕΘΟΔΟΣ

### *Por onde e para onde ir*

Paulo Ferreira da Cunha<sup>1</sup>

**Resumo:** Normalmente, na redescricao que a linguagem filosofica contemporânea faz das palavras objetivas e tangíveis do léxico helénico clássico, a ética (derivada de *ethos*) é tida ora como normatividade moral ora como quase sociológico modo de ser (mais especificamente etiologia), enquanto a metodologia (composta de *metha, odos e logos*) é uma disciplina, conhecimento ou prática que nos encaminha para um fim ou lugar ou objetivo. Contudo, a metodologia é frequentemente entendida como desprovida de axiologia – seria mais ou menos neutra. No presente texto, procuramos responder aos impasses do final do iconoclasta *Cântico Negro* do poeta português José Régio, tentando aproximações a um caminho (por onde ir) e a uma meta (para onde ir), na encruzilhada labiríntica da contemporaneidade. Ou seja, um método com ética.

**Palavras Chave:** Método, Ética, José Régio, Cântico Negro, Contemporaneidade, Crise, Autonomia, Dignidade, Comunicação social, Interesse bem entendido.

**Abstract:** Normally, in the redescription that contemporary philosophical language makes of the objective and tangible words in classical Hellenic lexicon, *ethics* (derived from *ethos*) is sometimes taken as moral normativity, sometimes as an almost sociological “way of being” (more specifically, “etiology”), while *methodology* (composed from *metha, odos* and *logos*) is a discipline, knowledge or practice that directs us towards an end, or place, or goal. However, the methodology is often understood as devoid of axiology – it would be more or less neutral. In this text, we seek to respond to the impasses at the end of the iconoclastic *Cântico Negro* by the Portuguese poet José Régio, trying to approach a path (where to go) and a goal (where to go), at the labyrinthine crossroads of contemporary times. In other words, an *ethical method*.

**Keywords:** Method, Ethics, José Régio, Cântico Negro, Contemporaneity, Crisis, Autonomy, Dignity, Media, Well-understood interest.

“(…) Não sei por onde vou,  
Não sei para onde vou  
Sei que não vou por aí!”

José Régio, *Cântico Negro*

#### *I. Há mais mundos*

Há vidas pequenas e ensimesmadas. Há atavismos, rotinas e peias, redomas e asfixias mentais que dependem inteiramente de contextos, *circunstância*, pequeníssimos ambientes, amarras que enleiam e tornam impossível abrir janelas, percorrer zonas verdes, encher os pulmões de ar e desbravar florestas que toldam a luz do sol.

Há mais mundo, *há mais mundos* (recordemos o volume de contos de José Régio)! Pode pensar-se que se não é de modo algum prisioneiro de cavernas sombrias, e todavia sendo-o, e de que maneira! Os carcereiros das prisões mais severas pintaram-nas de cores amigas e garridas, e não se cansam de apresentar patíbulos como céus... ou suas antecâmaras.

---

<sup>1</sup> Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Portugal, Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (em licença, para exercício da magistratura).

A profusão da oferta de ditos “conteúdos” culturais, informativos, documentais, etc. é janela útil e interessante, não propriamente para o mundo todo (é muito desigual a presença das várias realidades nos *media*), mas para boa parte dele. Não espelha em proporção realista a realidade, mas dela vai dando ecos. Tal vai permitindo que uma pessoa interessada, tanto na realidade em seu redor, como na mais longínqua (geograficamente e não só), vá satisfazendo a sua sede de conhecer. Ora essa sede de conhecimento não faz sentido (seria até paradoxal) se desacompanhada de vontade de compreender. Simples dados, mudos, abstratos e secos, de pouco valem sem o sumo ou a chispa inteligente de entendimento, relação, extrapolação, inferência, generalização e tantas outras operações do espírito atento e agente. Por isso é que o que possui muita informação, sem a trabalhar, sem a repensar, sem a discutir, sem a integrar em quadros mentais, tem uma *cabeça cheia, mas não bem-feita*.

Embora nos nossos dias o diapasão por que a grande maioria dos indivíduos afina seja a comunicação social alargada (a começar pelas redes sociais e produtos da *Internet*, e a acabar nos jornais, passando pela televisão e pela rádio), não se pode esquecer que uma réstia de normatividade e de conhecimentos acabam por decorrer da Escola e da Família.

Não é que a Escola não tente ainda transmitir algum legado, mas a desatenção, as solicitações externas, a indisciplina e as aprovações em massa, não são incentivos a que muito se aproveite da passagem pela escolaridade obrigatória. Os Professores estão cansados, desmotivados, desprestigiados socialmente, depauperados nos salários e nas regalias, e certamente pouco conseguem resistir às ameaças e à rotina de uma escola que parece em muitos aspetos ter deixado de o ser. Não assumindo, nomeadamente, o papel de grande formadora, por um lado, nem o de prévia grande avaliadora e orientadora vocacional, por outro. Os estudantes de hoje não gostam da Escola; e não saberem sequer os nomes dos Professores disso é um sinal. Falamos aqui do ensino pré-universitário. As Universidades são casos particulares, de que já curámos noutros lugares, mas não podem deixar de refletir a má preparação com que aí chegam os estudantes, em geral, pelo menos em algumas áreas. É um problema em cadeia... Um dos problemas mais sérios, que frequentemente é varrido para debaixo do tapete.

Por outro lado, há que distinguir a Escola oficial, a dos docentes, do seu discurso e valores, da Escola informal, da que realmente muito ensina e muito socializa num mundo paralelo. Os saberes, de todo o tipo, as experiências, de todos os jaez, que se colhem nas escolas, são essencialíssimas para a formação da personalidade de todos. Quando se diz que a Escola não ensina, não integra, não é da Escola informal, a da camaradagem entre alunos, que se trata. Essa ensina, e muito. “Tem a escola toda” – diz o adágio popular. Não quer dizer que alguém haja frequentado todos os níveis de escolaridade. Aprendeu foi outras coisas...

Nas leis inexoráveis da imitação (que estudou pioneiramente o juiz e criminólogo francês Gabriel de Tarde), têm uma parte de leão essas iniciações e hábitos criados nas relações surgidas da pertença às mesmas turmas escolares, ou às socializações nos recreios, cantinas, bares, salas de jogos, visitas de estudo, e todos os encontros de colegas fora das aulas. Sobretudo a partir de uma certa idade, a vontade de ser como os demais, de ser aceite, leva à imitação. E a reunião dos semelhantes (*qui se ressemble s’assemble*) à criação de gangues, por vezes com sinais de identidade e pertença bem diferenciados, rituais iniciáticos, etc. São conhecidas as guerras entre gangues juvenis, não só escolares, mas de bairros e afins, como imortalizado em *West Side Story*.

Um dos elementos a ter muito em conta na análise dos comportamentos dos jovens (que não se quedarão, certamente, por “pecadilhos” de juventude, mas irão

formando personalidade – como se vai aquilatando dos percursos espelhados pelos relatórios sociais de muitos arguidos) é a sua socialização. “Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és”. Até o modo de andar, o jargão, até o sotaque mudam...para além, obviamente do que se veste por fora (roupas e adereços) e do que se veste por dentro (ideias e palavras). O mimetismo pode ser uma emulação com exemplos excelentes, mas muitas vezes é uma degradação, seguindo modelos dogmáticos e radicais, violentamente afirmativos e assim muito sedutores (em algumas idades e formas de sensibilidade) de marginalidade, ou então glamourosos clichés de superficialidade pedantíssima, com padrões de luxo e dissipação, além de desprezo pelos demais e um autoconceito ridículamente superior.

É deveras interessante ouvir testemunhos sobre o que se desejou imitar, nas idades cruciais. Muitos quiseram ser como heróis e heroínas de pacotilha, que o futuro viria a normalmente consagrar como mediocridades. Outros, porém, conseguiram eleger verdadeiros modelos, e seguiram os seus passos. Tiveram em regra melhor sorte, mesmo que não tenham sido coroados de loiros ou bafejados pela cornucópia das riquezas...

Imitar personalidades normativas deixou de estar na moda. Houve até um tempo em que se denegriram heróis, santos, sábios, e continua essa desconstrução, embora de maneira mais intelectualizada. Por muito que essas mitologias de ontem fossem caricaturas, e por vezes hipocrisias, a verdade é que para pessoas menos exigentes acabavam por ter um efeito positivo, de as chamar para cima, para a prática de boas ações, generosidade, previdência, trabalho honesto, respeito pela palavra dada, sacrifícios altruístas, solicitude, delicadeza, etc.

Ao desconstruir todas essas narrativas sem piedade, e ao não colocar nada em seu lugar (e haveria outras a enaltecer, e até com vantagem – pois há justíssimas glórias de tempos menos míticos, idades de Homens e não de Heróis ou Deuses –, além de que nem todos os velhos mitos eram de pés de barro), ficou-se apenas com a imitação dos cantores, desportistas e atores (e influenciadores) – alguns dos quais muito meritórios, mas (pelo menos os três primeiros grupos – dos últimos ainda sabemos pouco) muito frequentemente associados não aos méritos da sua profissão, mas às suas peripécias amorosas, escândalos de petulância e agressão contra colegas ou criados, gastos perdulários faraónicos, e outros eventos (ou rumores) não muito edificantes.

É fulcral para a sanidade de uma sociedade não deixar que a criminalidade e a futilidade (associada a ociosidade e no limite a criminalidade de colarinho branco – não se pagam sempre os luxos com dinheiro prodigiosamente ganho de forma honesta) ultrapassem um certo limiar. Isto para nos resignarmos (e não o deveríamos, realmente) a que sempre haverá algum crime entre nós, como decerto alguma pobreza (Jo.: XII, 8)... Infelicíssimamente. Crime, contudo, que é preciso combater. Assim como a pobreza.

## *II. Há os que sabem*

Sempre nutri admiração por aquelas pessoas que estudam os mapas, e numa viagem de avião são capazes de descrever as cidades sobrevoadas, a cada momento.

Sempre me delicieei com os que conhecem os mitos dos locais mais recônditos, sabem o sentido das pedras, dos animais, ou dos ventos, por vezes sem nunca terem saído do seu quintal.

Sempre fiquei fascinado com quem, num rabisco em guardanapo de papel de um café, capta os traços de um rosto, e numa caricatura faz ressaltar um tipo humano, que só lhe falta falar. Na verdade, pode até dizer assim mais do que se falasse...

Sempre prezei e me espantei com aquelas poucas pessoas que quase absorvem o conteúdo de um livro só de lhe tocarem a capa, ou, sejamos mais objetivos, talvez por o terem folheado uns poucos minutos.

E sobretudo são de louvar, e acarinhar, aqueles que, vivendo vidas serenas, dão exemplo de tranquilidade e equilíbrio. E perante as complexas encruzilhadas que o Mundo sempre apresenta, são capazes tanto de avançar, com simplicidade e clareza, uma explicação sobre os pontuais problemas mais agudos da atualidade, como uma teoria sobre um sucesso da História. E facilmente nos esclarecem – ao ponto de nos deixarem como que apaziguados – o que verdadeiramente se passa com a fome, a peste, a guerra, e outras catástrofes mais específicas e localizadas. É um processo de anagnórise, em que nos é revelada uma chave pacificadora. Obviamente pacificadora do ponto de vista do entendimento das situações, jamais resignação com o seu significado e consequências – que por via de regra não podem ser de molde a serenar-nos.

Compreender, compreender profundamente, é não propriamente aceitar, mas encerrar uma angústia prévia, pôr-lhe um ponto final; pelo menos, pôr fim a uma dúvida, um dilema, uma interrogação. Talvez por não nos satisfazerem as respostas correntes, as explicações comuns, haja tantas pessoas em permanente (mas acrítica) procura (e mesmo demanda de si mesmas...), algumas delas indo bater à porta de mistificadores profissionais, gurus manipuladores e afins. Porque as pessoas têm sede de entender (Aristóteles di-lo, afinal, no início da *Metafísica*; conhecer é, verdadeiramente, entender). Apenas nem sempre fazem as perguntas certas nem às pessoas que lhes poderiam responder.

Evidentemente, não podemos quedar-nos pelas justas análises. Contudo, sem elas, todo o caminho ficará enganado.

### III. Mercadorias

Não se revelam facilmente os arcanos, não se profanam os mistérios todos os dias e para toda a gente... Talvez até inconscientemente os “produtores de sentidos” (?) se vão perdendo em *poikilia*, em aperitivos, sem chegar a tocar nas matérias essenciais. É da natureza desse tipo de abordagem do real o *fait divers*. Dir-se-ia que faz parte do pacto do autor com o leitor/espetador não serem reveladas a estas coisas muito profundas. Alguns nem poderiam entender, outras não teriam arcaboço para suportar. A técnica utilizada no universo múltiplo da informação deve ser, certamente, a de ir mostrando mil e um dados, mil e uma opiniões, para depois o destinatário vir a retirar as suas conclusões. Mas mil e uma “notícias”, significam o quê? Mil e uma opiniões, como fazer-lhes um balanço? Corre-se o sério risco de se ficar pelo caminho, preso a este ou àquele episódio...

Se fizermos a experiência sem preconceitos, e de mente lavada, passando os olhos, por exemplo, pelas capas de jornais, ou pelas primeiras páginas de alguns sítios informativos e afins da *Internet*, o que podemos colher? Fechemos os olhos, como creio que um míope, para ver melhor.

Salta-nos antes de mais ao espírito uma dialética muito curiosa, e creio que importante. Por um lado, parece que as notícias procuram responder a interesses do potencial público. As notícias, como as coisas, clamam por dono. Querem ser lidas, ouvidas, vistas. E perguntamo-nos quem é o público modelo, o público pressuposto,

de muitas dessas publicações ou programas audiovisuais. Para a televisão francesa, houve um veredito de Bernard Pivot, já há uns anos atrás (bastante polémico hoje, certamente), no seu livro *Remontrance à la ménagère de moins de cinquante ans*.

Será que as imensas notícias ou pseudo notícias de gloriólas fúteis, intrigas consabidas, conflitos permanentes de egos, riquezas fabulosas sem consistência e mérito (mas isso não é dito, nem sugerido sequer), ligações permanentemente glamourizadas e logo desfeitas para imediatamente novas excitarem as curiosidades e enlevarem as ilusões, será que os escândalos, as corrupções (sempre agigantados e julgados na praça pública antes de nos lugares próprios), os tratamentos de beleza (e alguns de saúde) miraculosos, as proezas dos desportistas, cantores e atores de sucesso (e as suas vidas pessoais e até íntimas), as novas dietas, as linhas aerodinâmicas dos novos protótipos automóveis, e as confissões mais banais de personagens cujas proezas maiores são serem noticiadas (porque tantas outras, de igual ou maior mérito, o poderiam ter sido), será que tudo isso é do mais profundo interesse do público, ou tal (eventual) interesse foi induzido, alimentado? Que produto, afinal, se quer vender-lhe? Por vezes, a simples matéria comunicacional. Outras vezes, muito mais que isso, mas através disso.

#### IV. Interesse bem entendido

Falávamos em *interesse do público*. Tem de fazer-se uma importante distinção. Uma coisa é o interesse lúdico, hedonista imediato, superficial. O interesse da Cigarra, na versão clássica da respetiva fábula (nas modernas, ela é heroína). Nesse sentido, o público tem interesse em banalidades mais ou menos picantes ou pícaras, em alimento para devaneios, em modelos de sucesso, etc.

Coisa diferente é o interesse bem entendido. Mais recentemente, o sociólogo Pierre Bourdieu retomou a questão, mas ela é mais antiga. E pode remeter até para o utilitarismo britânico, e, mais longe ainda, para a querela epicurismo vs. estoicismo. É, na verdade, a questão mais profunda da legitimidade da Educação. A Educação é sempre mais ou menos uma violência, porque os indivíduos têm de penar para aprender, para se acomodarem a regras, etc. É certo que depois passam a gostar dos benefícios do conhecimento e compreendem a necessidade de normas. Mas até interiorizarem esses bens, há ânimos selvagens e antissociais que verdadeiramente sofrem na Escola e em Casa, para se tornarem seres minimamente civilizados.

Para não criar muitos problemas, para mais tendo-se universalizado, a Escola tende cada vez mais a não constranger os alunos; mais a guardá-los enquanto ambos os pais têm de trabalhar e muito, durante muitas horas diárias, que a educá-los. É frequente uma indefinição sobre a quem deve incumbir a educação (não a instrução): e não raro os pais atiram a responsabilidade para a escola, e esta para eles. A verdade é que, no mundo híper laboralista de hoje, em que as famílias se tornam cada vez mais micro agregados de consumo e (poucas) horas de sono na mesma habitação, têm de ser responsabilidades partilhadas, sob pena de estarmos a educar semisselvagens (ou semi autistas) no plano social (e relacional) com alguns vagos conhecimentos dispersos, sem sentido profundo e mal digeridos.

O interesse público geral, bem entendido (*hoc sensu* – não falamos, obviamente, do interesse público do domínio administrativo, objeto entre nós de brilhante tese de Rogério Ehrhardt Soares), não pode fundar-se em leviandades, ligeireza, facilidades, nem na escola nem na comunicação e na cultura fora dela. Mas, evidentemente que, numa sociedade de consumo, o que interessa é vender, e muitos dos vendedores de ideias e símbolos (por exemplo, desde logo os candidatos a eleições) preferem o imediatismo que o seu interesse bem entendido.

Muitos políticos que latamente poderíamos dizer “democratas”, pelo mundo fora, não investem suficientemente numa cidadania com espírito crítico, numa escola exigente, que só lhes seriam favoráveis, que seriam um investimento seguro e rentável a prazo. Preferem, em muitos casos, facilidades, “sucateamento”, eleitoralismo. Não rende popularidade dizer-se que deve ser difícil entrar na Universidade, ou sair dela, que deve ser rigorosa a admissão a certas profissões e escrutinado o seu exercício. Mas as sociedades só teriam a ganhar com estudantes aplicados e inteligentes, e profissionais competentes. Contudo, essas exigências não dão votos. Pelo contrário, em situação normal, estamos convencido de que até tirariam.

Paremos mais uma vez para pensar. Se formos ver o percurso objetivo de vida de uns e de outros, chegaremos certamente a esta curiosa conclusão. Há muita gente que triunfa na superficialidade das coisas, atinge fama e riqueza, sem ter especial valor, sem ter desenvolvido particular esforço. Existem certas profissões e atividades em que há normalmente mais probabilidades de o triunfo ser fruto da intriga, do nepotismo, da troca de favores, ou simplesmente da Sorte. Mas esqueçamos essas. Naquelas em que só se consegue subir a sério por mérito (com escassas componentes da *Fortuna* e da manipulação), parecem não restar dúvidas que a excelência, ou pelo menos a competência, só se alcançam com muito estudo, muita prática, muito trabalho. O que não quer dizer que não possa haver um ou outro mistificador, e mesmo um ou outro radicalmente incompetente.

Mas, em suma: sempre continua válido o velho brocardo *ad augusta per angusta*. Não se fazem omeletes sem partir ovos.

Claro que pode sempre subverter-se o problema, dizendo que o que interessa é “ser-se feliz”, e assim começar-se-á por se ser feliz aos seis anos de idade, ao recusar-se aprender a tabuada e o alfabeto. Bem, talvez se condescenda em ser-se um pouco infeliz e se possa aprender ainda alguma coisa, mas pouco, e devagar... Nunca as pessoas quiseram tão empenhadamente e galhardamente ser felizes, e certamente (não ousamos uma expressão conclusiva, porque não o sabemos ao certo, apenas podemos supor) nunca foram tão desiludidas com miragens de felicidade.

#### V. *Notícias dos IV Cavaleiros*

Voltando ao tema mediático, acrescente-se: no meio do festival heteróclito de fogos-fátuos, há notícias pontuais sobre, afinal, os cavaleiros do Apocalipse. Hoje mais sobre guerra, ontem mais sobre peste. E ainda, naturalmente, sobre as lutas pelo poder. Houve tempo em que, ouvindo alguns opinadores cultos e inteligentes, ainda cheguei a pensar que a discussão sobre este tipo de desporto (um marciano certamente não distinguiria muitas intrigas desportivas de sinuosidades partidistas) seria uma forma de espírito. O problema é que muitos dos protagonistas, pelo mundo fora, já desceram de tal forma a fasquia à simples disputa, em pulsão territorial, que tudo isso parece relevar muito mais do estado de natureza que da cultura.

#### VI. *Conclusão*

Pode ser que, como sugerimos *supra*, as sociedades de massas só possam ser geridas com elementos de controlo de massas: na venda de produtos materiais como na de produtos culturais ou espirituais. Na própria conformação e configuração da democracia.

Contudo, temos sempre a *nostalgia* (em parte idealizada, reconhece-se) de uma futura Pessoa de parte inteira (essa mesma aureolada de “dignidade”, constitucional e *antropodikeia*), de um cidadão esclarecido, lúcido, ilustrado, culto, e

por isso tudo crítico, ativo, criativo, participativo, construtor cotidiano de uma Democracia plena, com sumo e não só casca, com conteúdo e não meramente forma. Mas muito mais que isso (porque tal é meramente do plano da política, ou talvez pouco mais): pretende-se um ser pensante plenamente senhor de si, que tomou completamente posse dos seus direitos e deveres mais profundos – desde logo para consigo mesmo. Uma Pessoa que é protagonista da sua existência, e não uma casca de noz vogando ao sabor de marés que não determina minimamente. Porém, estas linhas, em vez de terem uma leitura individualista, como alguns tenderão a fazer, remetem para um sentido de necessária alteridade. A Pessoa crítica, autónoma, não é ilha, não é autarcia, é diálogo, é solidariedade, é corresponsabilidade, é fraternidade.

A questão que se coloca é como construir essa Pessoa, quando o mundo dos vendedores de ilusões (todos eles, cada qual na sua especialidade) nos diz, sempre, “com olhos doces”: *Vem por aqui!*

Não pode haver resposta que não seja a do *Cântido Negro*, de José Régio, que vale a pena ler, degustar e meditar com cuidado e atenção.

Porém, quando termina o autor dos *Poemas de Deus e do Diabo* aquela sua ode ao não seguidismo, ele não sabe *por onde* nem *para onde* vai. Sabe que recusa os cantos de sereia do que o querem conduzir. Ora, a nossa Pessoa de parte inteira, não manipulada pela propaganda, não seduzida pelo ascendente destes ou daqueles, não iludida pelos seus próprios fantasmas e anelos, sabe, ao invés, várias coisas.

Sabe, antes de mais, que não vai com os outros, ao contrário de uma tal Maria, que *ia com as outras*, num dito popular. Sabe que não vai pelo fácil, pelo delico-doce, pelo normal, pelo consabido. Porque esse caminho aplanado é frequentemente um falso caminho, e quem o trilha não vai longe. Mas vai, ao invés, essa nossa Pessoa renovada, pelo genuíno, pelo verdadeiro, ainda que a estrada não seja larga. Até aqui a nossa Pessoa não se distingue muito da que fala no poema de Régio.

Mas há mais. Ao contrário de um certo corte de cordões umbilicais iconoclasta na composição do poeta de Vila do Conde, esta nossa Pessoa é um anão aos ombros de gigantes, para retomar o sempre repetido símile de Bernardo de Chartres. Por isso, porque tem raízes e conhece o arsenal do passado, consegue ver mais à frente no caminho. Tem fontes, tem referências, conhece experiências passadas, e possui propulsores objetivos, que não são utopias sufocantes e geométricas, mas um sopro de esperança, perfectível, sempre. E tem método, vias, instrumentos.

As suas grandes balizas e também ferramentas são de índole ética. Não se encarando esta como uma bateria de proibições e antolhos, mas como bússola, e também princípios dinâmicos. Esta ética tem uma dimensão objetiva e uma dimensão subjetiva: a primeira são os valores; a segunda são as virtudes.

Armado de valores e virtudes, o caminho pode não ser sempre um mar de rosas, mas acabará por constituir (com todos os avanços e recuos) a via mais certa para um porto seguro. Família, Escola e Comunicação Social têm a responsabilidade de promover esses valores e virtudes, que fazem parte do direito à educação e à cultura de todos os cidadãos. Não como cartilha, jamais como dogma. Mas como guias para a ação, sempre em permanente avaliação crítica.

O que hoje ocorre é que, desertificado no plano da educação o terreno ético, emergiu e impera o niilismo, o indiferentismo, o laxismo, e concomitantemente, num terreno livre que mais ninguém parece disputar, reerguem-se terríveis dogmatismos, sem pruridos captando, com a sua afirmação perentória e por vezes até brutal, os espíritos indefesos e as almas sedentas de certezas.

Não havendo uma mística republicana ou democrática, uma devoção laica constitucional, outras captarão não apenas os sufrágios como as vivências dos jovens.

E a prazo, maior ou menor, os valores da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, ou até, simplesmente, as virtudes da Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança (se não mesmo as da Fé, da Esperança e da Caridade) serão uma reminiscência vaga, se não tiverem sido mesmo apagados da memória coletiva de uma “ordem nova”. Ou *desordem velha*, revivida. Porque toda a verdadeira *ordem* tem que ser harmonia e Justiça, um verdadeiro *cosmos*. O contrário é o *caos*.

Porto, Carnaval de 2023

Recebido para publicação em 19-02-23; aceito em 22-03-23